

O QUE DIRIA ULISSES AO LOBO MAU?

Ana Margarida Carvalho

- ▶ *A Flor Vai Ver o Mar*, de Alves Redol e Leonor Praça (Publicações Europa-América)
- ▶ *365 Histórias de Encantar*
- ▶ *Tintim* (todo), *Astérix* (todo)
- ▶ *Mafalda*, de Quino, nuns pequenos livrinhos em forma rectangular
- ▶ Enid Blyton - *Noddy* (acho que no meu tempo se escrevia *Nódi*), *Os Cinco*, *Os Sete...* (por esta ordem)
- ▶ *15 Lendas de Mitologia*, *15 Histórias de Corsários*
- ▶ *Odisseia*, numa versão vagamente infantil, mas não o suficiente, que custou 200\$00 (ainda vem com o preço)
- ▶ *Constantino*, *Guardador de Rebanhos e de Sonhos*, Alves Redol
- ▶ *Platero e eu*, de Juan Ramón Jiménez
- ▶ *Gabriela Cravo e Canela*, de Jorge Amado
- ▶ *Uma História do Mundo*, de Gombrich

Diz-se vulgarmente que somos os livros que lemos e os filmes que vemos. E que, se, pensarmos bem, todas as coisas da nossa vida vão dar a um livro ou a uma imagem. Mesmo que seja através atalhos ou de caminhos arredios das auto-estradas mais óbvias. Eu acredito que somos feitos de camadas, como a cebola de Gunter Grass (que chorosa metáfora). Por isso, escolhi para o topo da lista dois livros da minha fase iletrada, daquela fase em que as letras são formigas cheias de pernas fora de sítio, e as imagens dos livros ainda são olhadas com olhos de assombro.

Lembro-me da humilhação de não saber ler, e de ter uma especial gratidão para com a palavra «ouriço-cacheiro», que por ter um ífen e ser diferente de todas as outras, tinha a gentileza de se auto-denunciar, nesse formigueiro desgovernado dos textos.

Um dos meus primeiros livros foi este do Alves Redol, que dizia «O Boi é bom. É bom e tem os pés e as mãos no chão», e era a história de uma flor deprimida por estar pregada ao chão. A história nem tinha um final feliz, está bem de se ver, mas o que realmente me intrigava eram os desenhos, as personagens, num tipo de ilustração dificilmente catalogável... Havia um homem pau, um homem barco, uma rã, o tal boi, um sol com pernas... Para mim, aquilo tinha uma qualquer magia indecifrável. Ainda hoje têm, quando olho para aquelas páginas já competentemente riscadas, amarrotadas, rasgadas... Por mim e por outras injúrias do tempo.

As *365 Histórias de Encantar* também pertencem à minha fase analfabeta. Adorava este livro, que não sobreviveu a um breve exílio na Suécia. Era um livro grosso e caro, durante anos pedi-o aos meus pais que nunca se comoveram. Mais tarde, comprei-o aos meus filhos que não nutrem por ele qualquer afecto. É um livro realmente medonho, com

histórias de um primarismo atroz, e desenhos preguiçosos. Mas enfim, na altura foi uma espécie de paixão à primeira vista.

Durante anos devorei *Asterix* e *Tintins*. Com eles aprendi o humor. Relia-os até à exaustão, acalentava o sonho de poder coleccionar ambas as versões, em capa dura e capa mole. Ainda hoje, as situações do famoso repórter e do intrépido gaulês me estão sempre a ocorrer a propósito de qualquer coisa, como se fossem um refrão de uma música que nunca sai do ouvido. E também a *Mafalda*, do Quino, que adorava, apesar de não compreender metade das piadas políticas e das referências à China... Creio que os miúdos de hoje também gostam do *Calvin*, Bill Waterson, embora não o possam compreender em todo o seu alcance.

Depois veio a fase Enid Blyton, uma espécie de ritual de passagem que todos nós, daquela idade, tínhamos de atravessar. Na minha altura ainda não havia A Coleção uma Aventura... Por isso, convivíamos com aquele grupo de primos que comia sandes de cebola e pepino e andava com um cão. Hoje tenho a impressão que era mesmo o cão que lhe dava aquele carisma. Ter um cão, para mim, era um verdadeiro projecto de vida.

Havia também umas colectâneas de 15 contos temáticos. Eu tinha os *15 contos de Mitologia* e de *Corsários*, oferecidos pelo meu pai. Nunca tive coragem de lhe confessar que o que eu queria mesmo eram os *15 jovens como nós*, ou *15 mulheres célebres*... Nunca mais me esqueci da história do *Prometeu Agrilhado* e de uma série de peripécias da *Odisseia* e da *Ilíada*. As histórias do *Ulisses* eram um manancial, porventura muito mais estimulante para o meu pai nessa tarefa de contar histórias, só mais uma, às filhas. A minha preferida era a de Filocteto, que pagava com uma ferida no pé a sua traição. Vinculado por uma promessa a Hércules de nunca revelar onde estavam enterradas as suas flechas envenenadas, Filocteto tentou quebrar a promessa não a quebrando: sem proferir uma palavra, mostrou com o pé o local onde estavam, e ficou ferido com a ponta de uma flecha semi-enterrada...

É preciso esclarecer que lá em casa os livros aos quadradinhos (estilo patinhas, etc.) eram leitura clandestina, telenovelas brasileiras só em casa dos avós, quando os pais não estavam por perto. No nosso imaginário, conviviam, com toda a naturalidade, a bruxa da branca de neve com o Aquiles sempre muito propenso a birras; As fadas com o velho cão cego do Ulisses; o Filocteto com o lobo mau...

A *História do Mundo* de Gombrich não faz parte da lista. É um extra, como nos DVD. Quando peguei nele para o ler aos meus filhos, pensei em como seria bom que também eu tivesse descoberto, na altura, essa forma tão encantadora de descodificar a História, e tudo aquilo que nós fomos e somos. Só quando crescemos, pensamos em evasão. Na infância queremos sobretudo entrar. E é bom ter um Gombrich por perto para encontrar um certo cosmos no caos.



Ana Margarida Carvalho nasceu em Lisboa, antes do 25 Abril. Licenciada em Direito, jornalista, cronista, guionista, crítica de cinema.